

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal de Brasil Class.: 117

Data: 20/12/87 Pg.: 17

## Reserva de índios na Paraíba vira canavial

Lena Guimarães

JOÃO PESSOA — A reserva dos índios potiguaras, no litoral paraibano, está se transformando num grande canavial, explorado por lavradores que pagam o arrendamento em cana-de-açúcar, numa proporção de quatro toneladas por hectare cedido ao ano. O produto alimenta as usinas e destilarias de álcool que, segundo os índios, já tomaram 14 mil hectares da terra que lhes foi doada pelo rei de Portugal, em duas sesmarias — Montemor e São Mi-

guel — que juntas somavam 57.600 hectares, hoje reduzidos a 21.280 hectares reconhecidos pelo governo em demarcação realizada pelo Exército em 1983.

A reserva fica no município de Bafa da Traição, distante 80 quilômetros de João Pessoa. Nela vivem cerca de 5.500 pessoas, distribuídas em 16 aldeias, seis das quais ficaram fora da área demarcada e sob proteção do artigo 198 da Constituição Federal, que assegura serem essas propriedades "bens inalienáveis".



Bafa da Traição (PB) — N  
Marcelino diz que índios arrendam terras para garantir

### Líder de aldeia crítica a Funai

— Estamos abandonados. A Funai não dá assistência ao nosso povo, que está sendo obrigado a arrendar as terras para garantir renda e emprego — diz o líder comunitário da aldeia do Forte, Antônio Ferreira da Silva, ou Marcelino, como é conhecido. Segundo Marcelino 70% da reserva estão arrendados, percentual confirmado pelo cacique dos potiguaras, Daniel Santana dos Santos. Ele disse que apenas duas aldeias, aquela em que mora e a de Vila São Miguel, resistem às pressões para ceder suas terras. Nelas cultivam lavouras de subsistência, em várzeas, e conseguem alguma renda com a pesca.

O chefe do posto da Funai na reserva, Wilk Célio Fernandes, não soube informar a área ocupada e o número de lavradores. O administrador do escritório regional em João Pessoa, José Maurício de Souza, considerou "exagerado" o número fornecido pelo cacique Daniel e pelo líder Marcelino: "estivo lá há poucos dias e percorri toda a reserva. Creio que a área arrendada deve ser de 40% dos 21 mil hectares". Ele admitiu, porém, que não tem nenhum controle sobre essas negociações. "Os índios não correm nenhum risco. Suas terras são inalienáveis. Quem entrar perde", disse, justificando-se.

**Emprego** — O cacique Daniel não tem a mesma segurança do administrador da Funai em relação à terra dos índios, mas permite que os líderes de aldeias arrendem as áreas porque, tem certeza de que, se algum arrendatário decidir reivindicar um só hectare, o povo potiguara se unirá para reaver o que é seu. "Não vamos deixar que ninguém tome mais um pedaço sequer de nossa terra. Isso acabou", garante. Marcelino responsabilizou a fundação pelo arrendamento da terra. "Não recebemos nenhuma assistência. Eles prometem tudo, mas cumprem pouco", reclamou, informando não dispor de ferramentas para trabalhar a terra e de instrumentos para melhorar a pesca. Os fornecidos são insuficientes para atender as 16 aldeias. "Nós resistimos, mas alguns decidiram que é melhor arrendar um pedaço de terra porque, além do lucro da cana-de-açúcar, os rendeiros ainda dão emprego ao povo", explicou ele.

**Trator** — Exemplificando o que chamou de descaso da Funai, disse que há um ano os potiguaras foram chamados para receber, na superintendência de Recife, os documentos de aquisição de um trator que até hoje não chegou a Bafa da Traição. O administrador da Funai culpa o Plano Cruzado pelo não cumprimento da promessa. "Nós realizamos a concorrência para a compra do

trator e chegamos até a fazer a nota de empenho, no valor de R\$ 327 mil, mas a firma ganhadora se recusou a entregar o trator pelo preço, argumentando que estava defasado", explicou ele.

José Maurício de Souza disse que está fazendo tudo o que pode com os recursos que recebe, mas não soube especificar quanto foi aplicado este ano na reserva e quanto está previsto para o próximo ano. Esses números, segundo ele, só poderiam ser fornecidos pela superintendência de Recife. Entretanto, relacionou algumas coisas que comprou para atender aos 5.500 potiguaras: 345 enxadas, 15 carros de mão, 48 rolos de arame farpado, 65 (foices de dois gumes), 145 foices, uma rede de pesca de arrastão e uma peça de pano para confecção de rendas de pesca.

Se a coisa continuar como está, nós vamos passar a agir como outras nações, que prendem gente, ameaçam os administradores da Funai e ela termina resolvendo seus problemas; Nós somos pacíficos. Não ganhamos nada e temos que arrendar nossa terra para conseguir trabalho — advertiu Marcelino. Ele tem recebido manifestações de apoio de vários integrantes da aldeia do Forte, que fica na periferia da cidade de Bafa da Traição. (L.G.)

renda